

Passe por cima de seus concorrentes: Despache sua carga via VASP.

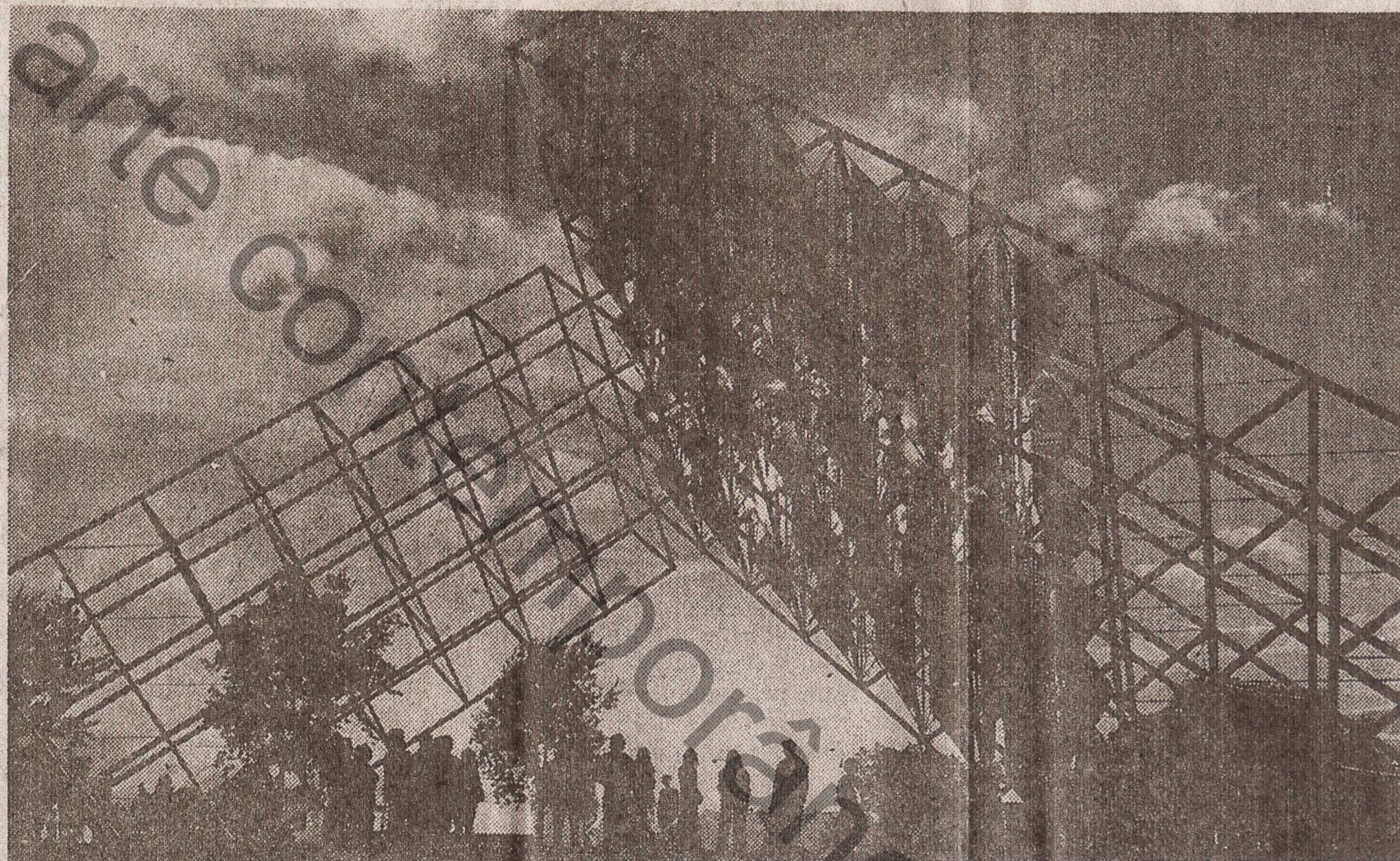
Artes Plásticas

140 CIRCULO A AMÉRICA LATINA

Roberto Pontual

SE 1978 foi um ano de evidente crescimento e fixação do interesse latino-americano pela arte surgida na própria América Latina, o primeiro semestre de 1979 já bastou para assegurar limites novos ao nosso circuito antes tão estreito. Nessa ampliação além-fronteiras continentais, menos do que a mera quantidade de elementos em jogo, importa a verificação de sua qualidade. Pois o estimulante em tudo isto que se está pouco a pouco cristalizando à nossa volta é o indício de que começamos a ser olhados de igual para igual, sem a desvantagem do exotismo, com uma seriedade que vale como ponto de partida para a exata aferição de valores. Europa e EUA já não parecem superiormen- te surpresos com o que encontram emergente por aqui. Preferem referir e tratar com naturalidade, e mais abrangentemente, esse boom da arte e da consciência do fazer artístico na América Latina.

Observe-se, desde logo, o que ocorre com o último número, de abril passado, da revista italiana *D'Ars*, editada em Milão. Das suas 200 e poucas páginas, as 45 primeiras são dedicadas a textos de origem e foco latino-americanos. De início, o argentino Jorge Glusberg



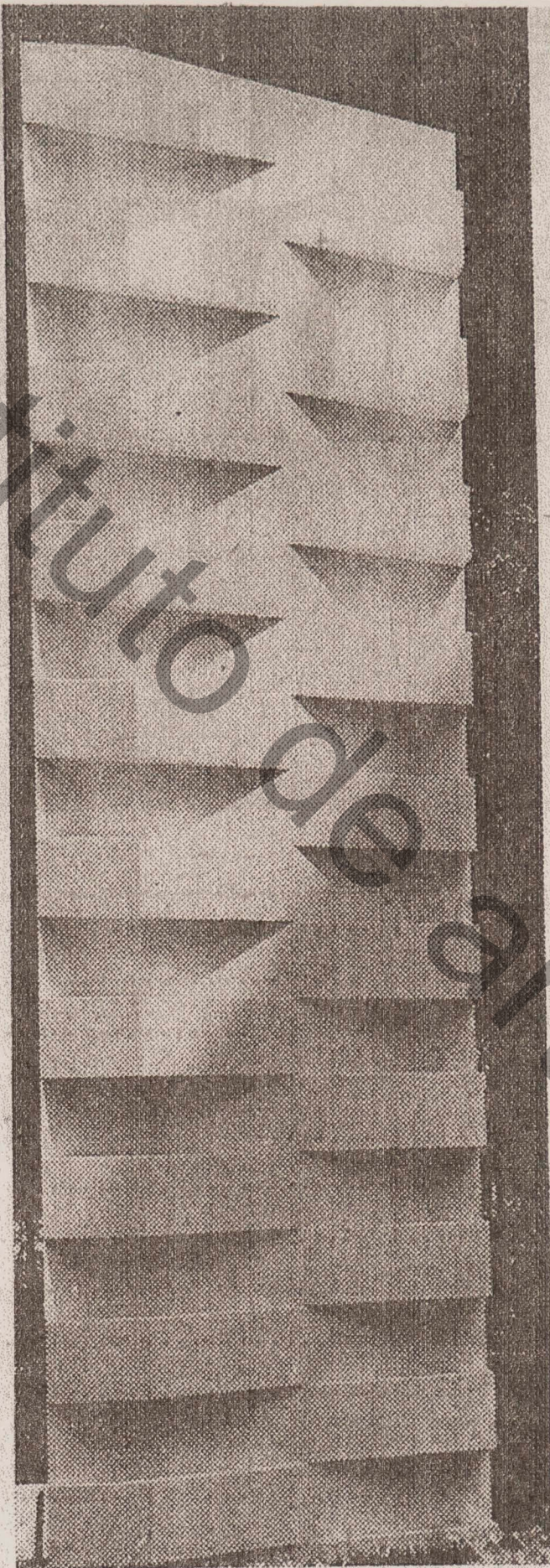
**A Ala Lunar de Sérgio
de Camargo, recém-instalada
no Museu de
Belas-Artes de Caracas**

do, porém ainda predominante, quanto a inércia da crítica de caráter literário". Para isto, concorrem de modo decisivo duas circunstâncias: a falta de correntes novas provenientes dos países desenvolvidos e a crise atual das tradicionais idéias ocidentais a respeito da arte "cujo pluricentená-

de suas pinturas, desde os anos 20, com uma seleção de exemplares da arte pré-colombiana e da arte popular mexicana. No texto que preparou para o respectivo catálogo, o poeta e crítico Octavio Paz diz que a estética moderna abriu os olhos do pintor para que ele visse a modernidade da escultura pré-

início, o argentino Jorge Glusberg trata de Teoria das Instituições — tentativa de formular uma visão coerente e sistemática dos aspectos que constituem o campo cultural, ou seja, o campo das realizações humanas, a fim de enfrentar corretamente o problema da arte nos seus aspectos produtivos e reprodutivos. O texto se desenvolve de maneira ampla e geral, sem especificar circunstâncias restritas à América Latina. Mas o seu tom, atmosfera e tática são frutos de uma vivência e de uma perspectiva latino-americanas. Em seguida a Glusberg, no mesmo número 89 de *D'Ars*, o peruano-mexicano Juan Acha analisa histórica e criticamente o caminho contemporâneo da crítica de arte latino-americana. Lembra o quanto essa crítica custa a surgir no continente e como ela esteve persistentemente atrelada ao suporte literário até a abertura da década de 1950, momento em que nasce a crítica especializada. Crítica que "continua a privilegiar a metáfora e às vezes chega à utopia, raciocina em termos filosóficos, divulga novas idéias da arte, aperfeiçoa a análise formal e só de quando em quando se adentra no contexto social", como indica Acha. O pleno desdobramento dela teria se concretizado entre 1950 e 1975.

Para Juan Acha, estamos vivendo hoje uma nova etapa na crítica de arte na América Latina. Não ainda a sua nítida e vasta afirmação, e sim, apenas, as preliminares de uma atitude diversa das anteriores no mesmo campo de ação. Nessa etapa em começo, registra-se uma tendência à introspecção (mas não à introversão, como o autor se apressa em distinguir). Ela aponta para "o desenvolvimento de uma teoria estética capaz de corrigir tanto a subserviência e os vícios do pensamento histórico-artístico hoje esclerosada



Uma *Ala Solar*, em ferro e aço inoxidável, de Alejandro Otero, existente desde 1975, ao ar livre, em Bogotá

peito da arte, "cujo pluricentenario predomínio vai naufragando num mundo em que a heterogeneidade está estreitamente ligada ao dilúvio dos produtos tecnológicos, inclusive imagens industriais do consumo de massa". Some-se a tais fatores o despertar da consciência terceiro-mundista.

Completando o seu patente interesse pelo que há em surgimento na cena artística latino-americana, o número de abril último, da revista mencionada, traz também um texto meu sobre os modos de utilização da geometria na arte passada e presente da América Latina, bem como em torno do que se pretendeu com a mostra América Latina: Geometria Sensível, montada no MAM do Rio e em seguida ali inteiramente destruída no incêndio de um ano atrás. O texto ganha alcance maior por vir acompanhado de 17 ilustrações, reproduzindo obras de Joaquín Torres-García, Alfredo Volpi, Marcelo Bonevardi, Edgar Negret, Mira Schendel, Orlando Condeso, Antônio Dias, Paulo Roberto Leal, Carlos Rojas, Amílcar de Castro, Arcangelo Ianelli, Wilson Alves, Vicente Rojo e Alejandro Otero — alguns dos participantes daquela mostra.

■ ■ ■

Na mesma ordem de idéias, cabe acrescentar que o Museu Guggenheim, de Nova Iorque, estará apresentando, a partir do próximo dia 18 e até 12 de agosto, uma ampla retrospectiva do pintor mexicano Rufino Tamayo, comemorativa de seu octogésimo aniversário. Talvez como reflexo do tema central da 1a. Bienal Latino-Americana de São Paulo, em fins de 1978, essa retrospectiva obedece ao título Mito e Magia, buscando estabelecer as fontes e os desdobramentos da obra de Tamayo através do confronto de uma centena

a modernidade da escultura pre-hispanica. "Então, com a violência e simplicidade de todo criador, ele tomou posse dessas formas e as transfigurou. Utilizando-as como um ponto de partida, pintou formas novas e originais". Paralelamente à mostragem no Guggenheim, o Centro para Relações Inter-Americanas, também em Nova Iorque, apresenta um conjunto de desenhos e gravuras de Tamayo.

Por fim, indicativa de novas maneiras de fazer circular a obra de arte latino-americana na própria América Latina — que tanto desconhecimento ainda mantém a seu respeito — há a boa notícia de um intercâmbio em marcha, quase em vias de concretizar-se por inteiro. É que o escultor brasileiro Sérgio de Camargo acaba de voltar da Venezuela, onde instalou, no esplêndido jardim do Museu de Belas Artes de Caracas, uma peça monumental de sua autoria — *Ala Lunar*, em mármore, reunindo 20 elementos idênticos para formar uma estrutura de seis metros de altura por três de largura e 60 centímetros de espessura. A instalação dessa escultura corresponde à parte inicial de um intercâmbio que se concluirá bem proximamente, quando o venezuelano Alejandro Otero trouxer para fixar, no Parque Ecológico do Tietê, em São Paulo, a sua *Ala Solar*, atualmente em final de preparação. A iniciativa do intercâmbio partiu de Aracy Amaral, quando, em meados de 1978, ela esteve em Caracas, participando do 1º Encontro Ibero-Americano de Críticos de Arte e Artistas Plásticos. Sua realização se está agora processando através das Chancelarias brasileira e venezuelana. Vale dizer, já não se trocam apenas, entre países, estátuas equestres, de sabor artístico passadista, mas, felizmente, também obras de arte de alta contemporaneidade.